

ANAIS DO
VII SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo Prof. *Eurípedes Simões de Paula*

A CIDADE E A HISTÓRIA

VOLUME II

LVI
Coleção da *Revista de História*
Sob a direção do Professor
Eurípedes Simões de Paula



SÃO PAULO — BRASIL
1974

EXPERIÊNCIAS NO ENSINO SUPERIOR: UM CURSO DE PESQUISA HISTÓRICA (*).

ALICE FONTES
JANAÍNA AMADO

da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

No primeiro semestre de 1973, a disciplina de História da Civilização Brasileira (Brasil-Império) do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, orientada pela Pro^{fa}. Dra. Maria Thereza Schorer Petrone, decidiu iniciar um curso de pesquisa histórica. O curso funcionou paralelamente às aulas da Pro^{fa}. Petrone sobre Brasil-Império, nas quais procurou apresentar aos alunos de terceira série uma visão global da História do Brasil, da “experiência republicana” à derrocada do Regime Monárquico.

O curso de pesquisa histórica foi organizado por 4 professoras, que dividiram a turma, composta de 72 alunos, em duas partes, ficando cada grupo de 36 alunos sob a responsabilidade de duas professoras (1). O curso foi programado porque as professoras acreditam que, de uma maneira geral, os alunos de História tem poucas possibilidades de se desenvolverem como pesquisadores. A aproximação com a pesquisa histórica e a discussão de problemas específicos a ela (posição de historiador frente ao fato histórico, interpretação crítica das fontes, metodologia a ser adotada, e a própria discussão da situação de pesquisador no Brasil), poderão favorecer uma formação mais integral do aluno de História. Pode fornecer-lhe uma opção real, a partir de uma experiência vivida, no sentido de ser um futuro pesquisador: para fomentar a pesquisa histórica no

(*) . — Comunicação apresentada na 2ª sessão de estudos, Equipe C, no dia 3 de setembro de 1973 (*Nota da Redação*).

(1) . — Neste trabalho está relatada a experiência com 36 alunos. A outra metade da turma ficou sob a responsabilidade das Profas. Eny de Mesquita e Flávia Arlanch, que conduziram seu curso de forma diversa, embora sob a mesma orientação geral.

Brasil, além do aumento de incentivos (financiamentos, bolsas, criação de cargos, melhor remuneração) e do maior cuidado com instrumentos e locais de trabalho (melhor organização dos arquivos, pessoal mais capacitado, recolhimento e conservação dos documentos, adoção generalizada de microfilmagem), é preciso preparar pessoal capaz de se lançar à pesquisa com êxito. A preparação é lenta porque difícil, e necessita ser iniciada desde cedo.

A iniciação na pesquisa histórica, por outro lado, completa a formação do futuro professor de História:

“É realmente extraordinário que a maioria dos professores de História nas escolas secundárias não possua um conhecimento elementar do método histórico nem considere tal conhecimento parte indispensável de seu equipamento profissional. Ora, é sabido que um professor que não leu ao menos um texto elementar de método histórico e não completou uma pesquisa erudita não possui uma das mais importantes peças de sua habilitação teórica” (2).

Não foi pretensão do curso realizado na Universidade de São Paulo apresentar fórmulas para a solução do problema da formação do historiador no Brasil. Pretendeu dar uma contribuição, dentro das limitações das próprias professoras, no sentido de levar à Universidade uma experiência em pesquisa histórica e a discussão dos problemas que ela envolve. Tentou-se demonstrar que é um trabalho perfeitamente viável de ser realizado, podendo tornar-se útil para a formação do historiador.

*

I. — ORGANIZAÇÃO GERAL DO GRUPO.

O curso total constou de 15 aulas de 3 horas de duração cada uma, distribuídas entre os meses de março a junho de 1973. Essas aulas, segundo a divisão oficial da Faculdade, eram destinadas a seminários. O tema previamente escolhido pelas professoras para ser pesquisado por toda a turma foi: “Imigração para São Paulo entre 1883 e 1888”. A escolha prévia de um tema impôs-se pela necessidade de organizar antecipadamente o curso. Recaiu sobre a imigração por se tratar de assunto amplo, com possibilidades de múltiplas abordagens, e permitir o estudo de um processo dinâmico, a

(2). — Rodrigues (José Honório), *A Pesquisa Histórica no Brasil*, Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, 1952, pgs. 233-234.

passagem do trabalho escravo para o livre. A delimitação, tanto espacial quanto temporal — a Província de São Paulo entre 1883 e 1888 — deveu-se à maior abundância, diversidade, e facilidade de acesso da documentação, conforme comprovaram sondagens prévias realizadas pelas professoras. Foram selecionados cinco locais de trabalho, escolhidos segundo a qualidade de material aí existente e as condições de acomodação: Arquivo do Estado de São Paulo, Biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, Biblioteca Central da USP, Biblioteca do Departamento de História da Universidade de São Paulo e Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros.

A documentação escolhida previamente para ser pesquisada, no período 1883-1888, constou das edições diárias dos jornais *A Província de São Paulo* e *Correio Paulistano*, dos *Relatórios de Presidentes da Província de São Paulo* e *Anais da Assemb'êia Provincial*, do *Código de Leis do Império do Brasil*, e de documentos manuscritos sobre imigração localizados no Arquivo do Estado de São Paulo (3). Estas fontes foram escolhidas por permitirem a abordagem do tema segundo diferentes níveis da realidade, e por serem fontes quase obrigatórias na realização de qualquer pesquisa histórica, cujo conhecimento poderia ser de grande valia futura para os alunos.

A classe foi dividida em grupos, determinados pelos próprios alunos, para facilitar sua integração; cada grupo encarregou-se da coleta e análise de um tipo de documentação, embora o tema geral tenha sido o mesmo para todos. O exame do *Código de Leis do Império*, por representar sobretudo um trabalho auxiliar à pesquisa, foi dividido entre todos os grupos: em cada aula-pesquisa, um membro de cada grupo era destacado para realizar o trabalho de coleta de dados. Terminada a coleta, os dados foram reunidos pelos grupos e distribuídos para toda a classe, para servir de subsídio aos trabalhos.

Cada grupo deveria apresentar no final do curso um trabalho redigido com base na documentação consultada, na bibliografia lida e nas discussões havidas em sala. As aulas foram divididas em

(3). — Arquivo do Estado de São Paulo, *Terras e Colonização*, 5528, Lata 1, TI, 1854-1887; *Terras e Colonização*, 5559, Lata 2, TI, 1888; *Imigração*, 5528, Lata 1, TI, 1887; *Imigração*, 5529, Lata 2, TI, 1888; *Ofícios Diversos*, 7831, Lata 7, TI, 1880-1883.

aulas-classe, realizadas na Faculdade, e aulas-pesquisa, nos locais de pesquisa.

O sistema de avaliação constou de créditos, dados tantos aos trabalhos em grupo quanto aos individuais. Além da realização das próprias tarefas, levou-se também em conta itens como: interesse, capacidade de discussão, integração entre os membros do grupo. Os créditos em grupo foram dados globalmente aos alunos, para que estes os distribuíssem entre os componentes do grupo. Os créditos foram concedidos à medida em que as tarefas iam sendo cumpridas, e sempre acompanhados de uma justificativa. Todas as tarefas foram avaliadas.

*

II. — *FUNCIONAMENTO DO CURSO.*

AULA 1 (Aula-Classe). — Esta aula pretendeu introduzir algumas questões ligadas à pesquisa histórica.

1). — Discussão livre sobre a situação do pesquisador no Brasil.

2). — Discussão sobre alguns problemas de pesquisa histórica, a partir da leitura e reflexão, individual e em grupo, dos seguintes textos fornecidos pelas professoras:

a). — “É necessário aprender que a história não se encontra toda escrita nos livros de segunda mão e que deve ser procurada nos documentos, porque ela é uma questão de crítica e não de autoridade” (4).

b). — Os testemunhos à disposição do historiador “são mal informados, crédulos, parciais e... devem ser encarados com prudência e passados no crivo da mais atenta crítica” (5).

c). — “A expressão *autêntico*, tomada de empêstimo à linguagem judiciária, diz respeito apenas à proveniência, não ao conteúdo. Dizer que um documento é autêntico, quer dizer que sua proveniência é certa, não que o conteúdo seja exato” (6).

(4). — Seignobos, *Études de politique et d'histoire*, in: *L'Enseignement de l'histoire dans les universités allemandes*, Paris, PUF, 1934, pg. 90.

(5). — Ourliac (P.), *L'Opinion Publique en France du XIIIe au XVIIIe siècle*, in: *L'Opinion Publique*, Paris, 1957, pg. 34.

(6). — Glénisson (Jean), *Iniciação aos Estudos Históricos*, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1961, pg. 173.

AULA 2 (Aula-Classe). — Nesta aula tentou-se prosseguir a discussão anterior, abordando outros aspectos da mesma questão.

1). — Exposição das professoras e discussão posterior com toda a classe sobre o que é uma Hipótese de Trabalho, com exemplos práticos retirados de livros de História conhecidos dos alunos.

2). — Exposição das professoras e discussão com toda a classe sobre Metodologia: definição, importância, tipos; procurou-se orientar a discussão para o problema de que toda metodologia reflete uma visão do mundo. Tratou-se apenas de uma primeira abordagem da questão, que foi retomada várias vezes durante o curso.

3. — Exposição das professoras e discussão sobre Técnicas de Pesquisa: diferença em relação a Métodos, sua necessidade, vários tipos.

4). — Tarefa para os alunos (para ser entregue duas aulas mais tarde). Leitura orientada da seguinte bibliografia:

A). — **LEITURA BÁSICA:** Prado Jr. (Caio), *A Imigração Brasileira no Passado e no Futuro*, in: *Evolução Política do Brasil e outros estudos*, São Paulo, Editora Brasiliense, 2.^a edição, 1957.

B). — *Leituras a serem distribuídas entre os membros do grupo*

Balhana (Altiva Pilatti) e outros — *Alguns Aspectos Relativos aos Estudos de Imigração e Colonização*, in: *Anais do IV Simpósio Nacional de Professores Universitários de História*, São Paulo, 1969.

Holanda (Sérgio Buarque de), *As Colônias de Parceria*, in: *História Geral da Civilização Brasileira*, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967.

Holanda (Sérgio Buarque de), *Prefácio do Tradutor*, in: Davatz (Thomas), *Memórias de um Colono no Brasil*, São Paulo, Livraria Martins Editora, 1972.

Ianni (Otávio), *O Progresso Econômico e o Trabalhador Livre*, in: *História Geral da Civilização Brasileira*, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967.

Perone (Maria Thereza S.), *Imigração Assalariada*, in: *Idem, Ibidem*.

Costa (Emília Viotti da), *Primeiras Experiências do Trabalho Livre*, in: *Da Senzala à Colônia*, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1966.

Hutter (Lucy Maffei), *Imigração Italiana em São Paulo (1880-1889)*. São Paulo, IEB, 1972.

Os alunos leram a bibliografia segundo este questionário orientação, fornecido pelas professoras (a tarefa foi entregue por escrito):

- A). — Sistematizar as informações prestadas pelo autor.
- B). — Precisar e analisar o conceito de Imigração utilizado pelo autor.
- C). — Localizar a Hipótese de Trabalho do autor.
- D). — Relacionar os problemas levantados a partir da leitura.
- E). — Comparar o texto lido com a leitura básica.

AULA 3 (Aula-Pesquisa). — Esta aula pretendeu um primeiro contato dos alunos com a documentação e os locais de pesquisa. Nos respectivos Arquivos e Bibliotecas onde se encontrava a documentação, os alunos, com assistência das professoras, examinaram os documentos. Cada grupo recebeu uma folha com orientações. Segue um exemplo de uma dessas folhas, distribuída para o grupo que pesquisou os *Anais da Assembléia Legislativa de São Paulo*:

*

ANAIIS DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA PROVINCIAL DE SÃO PAULO.

Algumas informações sobre a fonte:

— Nos Anais da Assembléa de São Paulo consta tudo o que se passava nas sessões da Assembléa Paulista: discursos de deputados, discussões e votações de leis, votos de pesar ou congratulação, etc.

— Geralmente as sessões começam com a ordem do dia, enunciada pelo Presidente; é interessante lê-la, para verificar de antemão quais serão os assuntos tratados.

— Às vezes os volumes contem índice por assunto; quando não houver, é necessário tomar conhecimento primeiro, através de uma leitura geral, do conteúdo de um discurso, lei etc, para verificar se se relaciona com a hipótese de trabalho. Caso o material interesse para a pesquisa, anota-se nas fichas a idéia geral nele contida e os argumentos mais importantes. No caso de um trecho ter importância excepcional, citá-lo entre aspas, indicando a página.

— Além dos discursos, discussões, etc, anotar os projetos de lei que se relacionam com a hipótese de trabalho. Às vezes um projeto de lei passa por uma, duas, três discussões, prolongando-se por várias sessões, e sofre emendas (às vezes emendas são propostas, mas são rejeitadas).

Alguns aspectos importantes a serem observados:

— No caso dos discursos, anotar a frequência dos temas. Anotar os temas que provocam discussões mais, ou menos, acaloradas, e os que suscitam aprovação ou rejeição unânimes.

— No caso dos projetos de lei, anotar se foram aprovados ou rejeitados. O projeto rejeitado pode indicar uma inquietação social que não conseguiu ser institucionalizada.

— Procurar perceber à medida que a leitura avança, qual a posição dos deputados em relação aos assuntos referentes à hipótese de trabalho; quais as correntes dentro da Assembléia, e que interesses defendem ou combatem; até que ponto são coerentes.

(Essas anotações não devem ser feitas nas fichas, para não causar confusão, mas escritas num caderno à parte, à medida em que forem surgindo).

No final da aula, os alunos, individualmente e em grupo, preencheram um relatório, cujo objetivo foi fazê-los refletir sobre o que tinham visto e manuseado. Este relatório, como todos os seguintes, foram examinados pelas professoras, que neles basearam grande parte das outras aulas:

Relatório de Atividades de Pesquisa

Turma: ... Nome: ... Nº do Grupo ... Data: ... Local de Pesquisa: ... Ho a de entrada ... de saída ... Responsável ... Material consultado: ...

- 1). — Levantar e relatar as unidades existentes pertinentes à sua documentação, indicando a data.
- 2). — Verificar se a documentação está completa de 1833 a 1888. Se estiver incompleta, indique as falhas.
- 3). — O que você pode observar da sua documentação?
— quanto à informação:
— quanto à apresentação:
— quanto a problemas:
- 4). — As observações a respeito da sua documentação, feitas inicialmente, ajudaram-no?
- 5). — Que critérios comuns de trabalho devem ser estabelecidos para o grupo?
- 6). — Que tipo de informações você achou na sua documentação para estudar a imigração em São Paulo?
- 7). — Dê dois exemplos.

PARA SER RESPONDIDO EM GRUPO:

A). — Dividir e planejar a tarefa entre os elementos do grupo de acordo com a documentação.

B). — Estabelecer critérios para trabalhar a documentação em grupo.

AULA 4 (Aula-Classe). — Esta aula pretendeu basicamente ordenar os conhecimentos dos alunos sobre Imigração, esabelecer uma Hipótese de Trabalho para a pesquisa e adotar um conceito inicial de Imigrante sobre o qual se iria trabalhar.

1). — Discussão sobre Imigração — reuniram-se os alunos que tinham lido os mesmos livros da bibliografia fornecida pelas professoras, para sistematizar as respostas ao questionário-orientação (v.de aula 2).

Cada um dos grupos relatou enão as informações fornecidas pelo autor lido; estas informações foram colocadas na lousa pelas professoras. Feito isto, as professoras puderam montar um amplo quadro das condições sócio-econômicas e ideológicas do Segundo Império, e de como o fenômeno Imigração nele se inseriu, *partindo exclusivamente das informações prestadas pelos alunos*.

2). — Elaboração da Hipótese de Trabalho — baseados nas discussões anteriores sobre o assunto, e no conhecimento real, embora ainda precário, da documentação, os grupos se reuniram e elaboraram a hipótese de trabalho que desejariam adotar na pesquisa. Confrontadas as várias hipóteses, foi escolhida esta:

“O tratamento dado ao imigrante na Província de São Paulo entre 1883 a 1888, segundo o ponto de vista:

- a). — do governo
- b). — do fazendeiro de café
- c). — do próprio imigrante” (7).

3). — Discussão sobre o conceito de Imigrante a ser adotado na pesquisa, partindo-se dos conceitos de Imigrante encontrados pelos alunos na bibliografia lida, e de outros fornecidos pelas profes-

(7). — A hipótese escolhida foi muito mais um tema de estudo do que propriamente uma hipótese de trabalho, mas as professoras a mantiveram por entender que condizia com o nível de reflexão e conhecimento da classe. Com o andamento do curso, especialmente na fase de redação final de trabalho, a maioria dos grupos tendeu a reformular a hipótese de trabalho, como pode ser visto no trabalho anexo à este, apresentado por um grupo de alunos.

ras. Optou-se pela adoção do conceito proposto por Altiva Balhana e outros:

“Imigrante significa capital humano, no sentido puramente demográfico, e capital de trabalho... O imigrante, por outro lado, é também portador de bens culturais, no sentido antropológico de cultura, que enriquecem a sociedade de adoção” (8).

4). — Discussão em grupo sobre a melhor técnica de pesquisa a ser adotada no tratamento da documentação específica da pesquisa. Optou-se, diante da limitação de tempo, por uma técnica de amostragem para os grupos que trabalhavam com jornais e documentos manuscritos (9).

AULAS 5 e 6 (Aulas-Pesquisa). — As duas aulas foram dedicadas à coleta de dados nos locais de pesquisa, sob orientação das professoras. Os alunos receberam instruções gerais quanto à pesquisa e técnica de fichamento, que representaram uma síntese ordenada das discussões em classe sobre o assunto. Um exemplo de uma dessas folhas de instruções, distribuída para o grupo que trabalhou com *Relatórios de Presidentes de Província*:

Atenção

— O fichamento das informações deve ser *uniforme* entre os elementos do grupo, especialmente no que se refere aos *assuntos* sob os quais a documentação será reunida.

— As fontes não contem verdades absolutas; é necessário critica-las.

— As informações podem ser examinadas sob vários ângulos, e não apenas da perspectiva enfocada pela documentação.

(8). — Cf. Balhana (Altiva Pilatti) e outros, *Alguns Aspectos relativos ao Estudo de Imigração e Colonização*, in: *Anais de IV Simpósio Nacional de Professores Universitários de História*, São Paulo, 1969, pg. 364.

(9). — As fontes manuscritas (vide nota 3) são em grande número, embora o assunto de que tratam não seja muito variado. Há muita documentação sobre poucos assuntos, como por exemplo: Hospedaria dos Imigrantes, Pedido de Auxílio de Imigrantes, Reclamação de Imigrantes Quanto à Perda de Bagagens, etc. Os alunos separaram em blocos todos os documentos que tratavam do mesmo assunto, contaram o número desses documentos, e escolheram ao acaso 20% desse número para fichamento e análise. Fizeram o mesmo para todos os assuntos de que trata a documentação. O grupo que trabalhou com jornais examinou 20% das edições de jornais de cada mês, escolhidas ao acaso.

— Torna-se imprescindível desde já consultar uma bibliografia específica que auxilie a solução dos problemas apresentados pelas fontes.

— A troca de informações entre os membros do grupo é essencial para a elaboração do trabalho.

Técnica de Fichamento.

— Deve ser feita uma ficha para cada Relatório de Presidente, para que, no final, seja possível reconstituir a ordem cronológica. Mas essas fichas por Relatório devem conter apenas informações gerais sobre o conteúdo (ou seja, que assuntos, pertinentes à pesquisa, constam daquele Relatório), e remissões a outras fichas.

Exemplo Hipotético.

DOCUMENTO: Relatório com que o Pres. passou a administração da Província ao Ilmo. Sr.

Data: 15 de março de 1884.

Imigração italiana para Jaú — ver na ficha nº ...

Recrutamento de imigrantes na Europa — ver ficha nº ...

Hospedaria dos imigrantes — ficha nº ...

— A seguir, desmembra-se o relatório em várias fichas, segundo o assunto. A(s) ficha(s), por exemplo, sob o título “Recrutamento de imigrantes na Europa”, deve(m) conter todas as informações a esse respeito encontradas nos Relatórios consultados, citando-se sempre o Relatório de que se tirou as informações e o n.º do volume em que está compilado.

Exemplo Hipotético.

FICHA Nº...

DOCUMENTO: Relatórios de Presidente de Província.

Assunto: Recrutamento de Imigrantes na Europa.

1) Relatório com que o Pres... passou a administração ao Sr. ... 20 de abril de 1886 — volume 8.

Foram recrutados 100 italianos para a região de Itú, segundo este regime de trabalho:

2) Falla à Assembléa Provincial do Sr. ... 30 de junho de 1888.

Foi designado o Sr. ... para fazer contatos com alemães interessados em emigrar para a região de..., nestes termos:...

No final da aula, os alunos preencheram o seguinte Relatório, que visou enfatizar aspectos das pesquisa julgados importantes, permitir a discussão do trabalho em grupo, e fornecer material de análise para as professoras:

Relatório de Atividades de Pesquisa.

Nome: ... Nº do Grupo: ... Data: ... Local de Trabalho: ...
Hora de entrada: ... de saída: ... Responsável: ...

- 1). — Material consultado:
- 2). — Principais informações coletadas, especificando como são apresentadas:
- 3). — Transcrever uma informação que contenha, de forma implícita, o conceito de imigrante. Justificar a escolha.
- 4). — Relacionar as informações coletadas na documentação com a hipótese de trabalho.

PARA SER RESPONDIDO EM GRUPO:

- A). — Informações correlatas que auxiliam a interpretação dos dados.
- B). — Relação dos assuntos sob os quais a documentação foi fichada.
- C). — Problemas encontrados.
- D). — Sugestões para debate em aula-classe.

AULA 7 (Aula-Classe). — Esta aula teve como objetivos principais discutir novamente o conceito de Imigrante adotado no início do curso, comparando-o com os conceitos contidos na documentação, e realizar um roteiro provisório para elaboração do trabalho final escrito.

1). — Discussão do conceito de Imigrante — esta nova discussão se fez necessária na medida em que as professoras notaram, através dos relatórios de pesquisa dos alunos, que estes, pouco habituados à precisão conceitual, tendiam a fazer confusão com o conceito adotado. Por outro lado, a discussão se impunha como ponto de partida para o enfoque de outro problema metodológico, capital da pesquisa histórica: a relação entre uma visão pretensamente científica — a do historiador — e a visão que determinada sociedade tem de si mesma. Para tanto, os alunos cumpriam um estudo dirigido, cuja primeira parte, que se segue, pretendeu explicitar bem o conceito adotado e indagar se, àquela altura da pesquisa, ele devia ser mantido ou alterado. O estudo dirigido foi feito individualmente, discutido em grupo e depois debatido por toda a classe:

Discussão sobre o conceito de Imigrante.

1). — “A População do RGS (à época da vinda dos açorianos), era de 3.634 almas; mas no ano que começaram a chegar os açorianos, por exemplo, segundo os cálculos, entraram 585 casais, com 2.278 pessoas, o que determina logo o crescimento da população em 5.624 indivíduos”.

2). — “A agricultura açoriana é assinalada com o plantio do trigo. E tem-se dessa época a notícia do cultivo de outros grãos, como feijão, milho, cevada, alpiste, aveia, ervilha, centeio (...). Os açorianos plantaram, em 1781, 8.982 alqueires e obtiveram 55.897 alqueires de trigo”.

3). — “A mais importante devoção do açoriano é a do Divino Espírito Santo. (...) As festas do Divino no Rio Grande tiveram grande significado. Até hoje as bandeiras do Divino, levadas pelos irmãos da irmandade, entram até no *City Bank of New York* no preditório, em Porto Alegre” (10).

A). — Utilizando *exclusivamente* as informações fornecidas, responda: O que o imigrante representou para o Rio Grande do Sul?

a). — na primeira afirmação:

b). — na segunda afirmação:

c). — na terceira afirmação:

B). — A partir das respostas anteriores, qual o conceito de imigrante que você pode formular?

C). — Até que ponto o conceito de imigrante que você formulou está contido na seguinte afirmação?:

“Nas áreas que eram outrora floresta, encontramos hoje em dia uma população de pequenos agricultores brancos, que juntamente com suas esposas e filhos tem lavrado a terra, estabelecendo seus lares à maneira européia” (11).

A seguir, os alunos compararam o conceito adotado no início do curso com os conceitos que eles próprios encontraram na docu-

(10). — Laytano (Dante de), *Colonização Açoriana no Rio Grande do Sul*, in: *Anais de IV Simpósio Nacional de Professores Universitários de História*, São Paulo, 1969.

(11). — Weibel (Leo), *Princípios de Colonização Européia no Sul do Brasil*, Curitiba 1953.

mentação, ordenados pelas professoras e entregues a eles dessa forma:

Discussão do Conceito de Imigrante.

Segundo as informações que os grupos coletaram durante a pesquisa, foram encontrados os seguintes conceitos de imigrante na documentação consultada:

- Imigrante é braço para a lavoura.
- Imigrante é o elemento estrangeiro que veio com o objetivo de povoar através do trabalho agrícola.
- Imigrante é o elemento purificador do povo brasileiro.
- Imigrante é o elemento de integração social e agente para o progresso do país.
- Imigrante não é material humano de colonização.
- Imigrante é trabalhador contratado.
- Imigrante é o que tem potencial de trabalho.
- Imigrante é mão-de-obra livre; portanto, produz mais do que o escravo.
- Imigrante é o agente da união de interesses (entre fazendeiros escravocratas e abolicionistas), e portanto gera progresso.
- Imigrante é pequeno proprietário.
- Imigrante é elemento rural.
- Imigrante é ligado à sua pátria.

Optou-se, depois do debate em classe, por manter o conceito de Imigrante adotado inicialmente, comparando-o, a partir de uma metodologia científica, com os conceitos que surgiram na documentação.

2). — Realização de um roteiro provisório para elaboração de trabalho final — os grupos realizaram, sob orientação das professoras, planos de trabalho provisórios, procurando responder às seguintes perguntas:

- a). — que assuntos serão tratados?
- b). — de que maneira?
- 3). — Tarefas para os alunos
 - A). — Os grupos deveriam reunir as informações coletadas no Código de Leis do Brasil e distribuí-las para toda a turma.
 - B). — Um elemento de cada grupo foi encarregado de fazer um levantamento bibliográfico sobre o 2.^o Império, Imigração e Província de São Paulo em locais previamente escolhidos. Os levantamentos foram reunidos, e as leituras distribuídas entre os membros dos grupos, de modo que, daqui por diante, os alunos leram e ficharam um livro por semana. Os alunos que iam terminando as

consultas às fontes primárias entregavam dois fichamentos por semana (12).

AULAS 8, 9 e 10 (Aulas-Pesquisa). — Estas aulas constaram de coleta de documentação e preenchimento dos Relatórios de Atividade de Pesquisa (Vide Aulas 5 e 6). Os problemas encontrados eram discutidos com as professoras nos próprios locais de pesquisa.

AULA 11 (Aula-Classe). — Nesta aula insistiu-se no problema da interpretação de documentos, pois os alunos, já de posse das informações da documentação, iniciaram um trabalho de crítica.

1). — Discussão sobre interpretação de texto — foi distribuído à classe uma fonte primária muito rica, mas com assunto diferente do da pesquisa em curso (13), para que, primeiro individualmente e depois em grupo, tentassem interpretá-lo. A seguir foi apresentada a interpretação dada pela autora do livro no qual o texto estava inserido (14), para comparação. Estabeleceram-se então critérios definidos para interpretação de documentos.

2). — Avaliação parcial do curso — foi aplicado aos alunos e professoras, a pedidos destas, um questionário de avaliação de curso por alunos da disciplina de Didática do Curso de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas.

3). — Tarefa para os alunos — para a aula seguinte, cada grupo ficou encarregado de apresentar oralmente as primeiras conclusões a que chegou após analisar a documentação. O objetivo dessa tarefa foi conduzir os alunos à uma primeira sistematização do material coletado e permitir a troca de informações entre os membros do grupo.

AULA 12 (Aula-Classe). — Os grupos apresentaram oralmente as conclusões parciais dos trabalhos, perante os colegas, as professoras e a Profa. Dra. Lucy Maffei Hutter (15), procedendo-se à discussão das questões levantadas.

AULA 13 (Aula-Classe). — Esta foi uma aula-livre, que objetivou a discussão dos alunos e professoras em relação à redação final

(12). — O levantamento bibliográfico, por falta de prática dos alunos e pelo pouco tempo disponível, revelou-se deficiente. Foi completado por bibliografia fornecida pelas professoras.

(13). — O texto está em Franco (Maria Sílvia de Carvalho), *Homens Livres na Ordem Escravocrata*, São Paulo, IEB, 1969, pgs. 19 e 20.

(14). — Maria Sílvia de Carvalho Franco, *op. cit.*, pgs. 43-44.

(15). — Autora de *Imigração Italiana em São Paulo* (1880-1889), São Paulo, IEB, 1972. A profa. Lucy Maffei também ajudou na seleção das fontes manuscritas sobre Imigração que se encontram no Arquivo do Estado.

do trabalho. Os grupos apresentaram os problemas encontrados, que foram exaustivamente examinados.

AULA 14 (Aula-Classe). — Entrega do trabalho final escrito.

AULA 15 (Aula-Classe). — Devolução dos trabalhos e discussão conjunta de todos os seus aspectos. Avaliação final do curso, por alunos e professoras.

*

III. — CONCLUSÕES.

O curso, de maneira geral, apresentou deficiências e obstáculos que foram surgindo à medida que avançava. Teve, de início, uma limitação básica: o seu pouco tempo de duração. Para que todos os aspectos importantes ligados à pesquisa histórica pudessem ser abordados e, principalmente, para que os alunos tivessem tempo de amadurece-los, seria necessário um curso de pelo menos um ano de duração.

O interesse e participação dos alunos não foram homogêneos durante o desenvolvimento das aulas: receberam a idéia do curso com entusiasmo extraordinário, cumpriram as primeiras tarefas com muito ânimo, participaram com vigor das discussões em classe (vigor até excessivo...), mas quando as aulas-pesquisa foram se intensificando, as professoras notaram um certo cansaço, misto de desânimo, na maioria da turma. Especialmente nas aulas-pesquisa 8 e 9, — as duas últimas etapas de coletas de dados —, os alunos se queixavam de que trabalhavam muito e não viam resultados. Pouco habituados à pesquisa, mostravam-se insatisfeitos com a árdua e cansativa tarefa do historiador na etapa de seleção e coleta de documentos, onde surgem mais dúvidas do que respostas, mais problemas do que soluções; e, principalmente, muito trabalho. Neste momento veio à tona um problema pressentido desde o início do curso, mas até então encoberto: a heterogeneidade dos membros dos grupos. Desanimados, com pouco estímulo para prosseguir o trabalho, os alunos tendem a discutir muito entre si, e surgiram posições diferentes que refletem níveis culturais, sociais, personalidades diferentes; algumas vezes as discussões degeneraram em atritos pessoais, e as professoras, sem perceber, foram elevadas à categoria de psicólogas... Na fase de elaboração final do trabalho escrito, o ânimo dos alunos voltou, e seu entusiasmo redobrou.

A dificuldade dos alunos em assimilar e discutir em bom nível problemas metodológicos referentes à pesquisa e à História de

modo geral, e sua dificuldade em aliar uma teoria de pesquisa à uma prática de pesquisa tomaram as aulas teóricas difíceis de elaborar. Não foi tarefa simples, diante da exiguidade de tempo, montar aulas que ao mesmo tempo em que lançavam problemas complexos aos alunos, fazendo-os refletir, os conduziam também, obrigatoriamente, à uma solução, pelo menos provisória, de alguns desses problemas, com vistas à continuação da pesquisa. As próprias professoras se ressentiram de uma melhor formação como pesquisadores.

Algumas das lacunas deverão ser preenchidas no novo curso que se iniciará no segundo semestre de 1973, com ou ros alunos, onde se farão modificações, especialmente quando à ordem e estrutura das aulas, para tentar contornar alguns dos problemas mencionados acima. De qualquer forma, no entender dos alunos e das professoras, o curso deixou saldo positivo, funcionando como ponto de partida para uma orientação e iniciação no sentido da pesquisa histórica. Apesar das dificuldades apontadas, o curso deu experiência de pesquisa aos alunos, fe-los sentir concretamente os problemas e dúvidas do pesquisador, e contribuiu para despertar interesses e vocações. Fazemos nossas as palavras de Robert Marichal:

“Não podemos nos orgulhar de fazer com que iniciantes apendam a “citar” um texto, não se procurou dar a eles receitas cuja multiplicidade exigiria muitos livros. Teatou-se esboçar... uma iniciação à crítica, submete-los à reflexão” (16).

Finalmente, gostaríamos de insistir na aplicabilidade e viabilidade da idéia geral de um curso de introdução à pesquisa à alunos de níveis, condições e regiões diferentes daquelas em que o presente curso foi aplicado. As aulas, exatamente da forma como foram dadas, exigem alunos que já possuem pelo menos um conhecimento razoável de História do Brasil, e que disponham de tempo durante o dia para realizar a pesquisa. Pensando-se num outro caso, o extremo oposto, de alunos com pouca base cultural e de curso noturno, que trabalhem durante o dia, é possível talvez iniciar com eles tarefas mais simples, mas igualmente necessárias, típicas de aulas-seminários: interpretação de texto, leitura e crítica da bibliografia, análise em classe de documentos, discussões simples sobre metodologia, tudo evidentemente dentro do tempo reservado à aula. Os níveis de discussão e atuação de alunos e professores, os resultados práticos de pesquisa

(16). — Marichal (Robert), *Critique des Textes*, in: *L'Histoire et Ses Méthodes*, Paris, Encyclopédie de la Pléiade, Librairie Gallimard, 1961, pg. 1249.

parecem não ser o mais importante: em todo lugar, com qualquer tipo de aluno e professor, é possível organizar um curso voltado para a pesquisa histórica e os problemas que ela envolve, desde que sejam feitas adaptações convenientes às condições locais.

Segue um exemplo dos resultados concretos do curso, o resumo de um trabalho final realizado por um dos grupos, o que pesquisou o jornal *A Província de São Paulo*.

* *
*

O JORNAL "A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO" E A IMIGRAÇÃO PARA A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO ENTRE 1883 e 1888.

Aracy Maria Rocha — Berenice Rillo — Concepción Martin Pere — Eaydes Ramos Arantes — Heloisa de Souza — Hilda Marina Siaudzonis — Ida Maria Abahão.

I. — INTRODUÇÃO: Fontes e Técnicas.

Este trabalho apresenta o problema da imigração na Província de São Paulo, particularmente o problema do tratamento dispensado ao imigrante, no final do século XIX (1883-1889). Utilizou-se como fonte básica as edições diárias do jornal *A Província de São Paulo* do mesmo período; trabalhou-se essa fonte segundo técnica de amostragem: coleta e análise de 20% do conteúdo do jornal (1). O estudo foi complementado pelo *Código de Leis do Brasil* (2), referente aos anos 1883-1888, e leitura de bibliografia auxiliar.

Fundado em 1875 sob a direção e propriedade de Rangel Pestana, jornalista de mérito já reconhecido (3), *A Província de São Paulo* mantinha uma seção de "dísticos programáticos", caracterizados como:

(1). — Embora esta técnica reconhecidamente contenha falhas, em especial quando se trata de jornais, foi a solução encontrada para o problema de tempo, pois o trabalho foi realizado dentro do limite de tempo fixado pelo Departamento de História para o curso de História da Civilização Brasileira B. De qualquer forma, a técnica de amostragem é capaz de dar uma visão bastante aproximada do conteúdo da documentação.

(2). — *Código de Leis do Império do Brasil* (1883/1888).

(3). — Rangel Pestana fundou o jornal *O Timbira* em 1860 e participou do *Futuro* (1862) ao lado de Teófilo Ottoni e Faria Alvim; escreveu para grande número de publicações da época.

“colunas franqueadas aos escritos de utilidade pública” e “liberdade de pensamento e responsabilidade do autor” (4).

A é 1883, o jornal não demonstrou orientação definidamente republicana, embora criticasse o governo imperial:

“Falta a preparação em tudo, consequência de uma outra falta mais grave, porque é fundamental: falta de racionalidade na política, de ciência no governo, de liberdade e competência na administração, o que determina e caracteriza em tudo o domínio das mediocridades. Repetem-se os erros de ontem...” (5).

No final de 1884, sofrendo grave crise financeira, *A Província* passou à propriedade de Alberto Salles e Cia. Assumiu então posição favorável à República, e em 1885, com Júlio de Mesquita como redator e posteriormente diretor, aderiu à campanha abolicionista, ao mesmo tempo em que reforçou seu programa republicano. Nesse mesmo ano Rangel Pestana reassumiu a propriedade do periódico.

Com o advento da República, o nome do jornal mudou para *O Estado de São Paulo*, embora só tenha aparecido impresso com este título em 1890.

Em relação à imigração, *A Província* assumiu posição favorável ao incremento da imigração assalariada para a lavoura cafeeira (6), com nuances que serão explicitadas adiante. Com menor ênfase, incentivou também o ingresso do imigrante como pequeno proprietário subvencionado pelo governo.

*

(4). — Cf. Sodré (Nelson Werneck), *História da Imprensa no Brasil*, Rio de Janeiro, Coleção Retratos do Brasil, volume LI, Editora Civilização Brasileira, 1966, pg. 260.

(5). — *A Província de São Paulo*, 9 de janeiro de 1886, Ano XII, nº 3238.

(6). — Alguns outros jornais da época, cuja orientação política podia diferir daquela de *A Província de São Paulo*, também eram favoráveis à entrada de imigrantes. É o caso do *Correio Paulistano*: “Devemos, pois, fomentar essa imigração à qual o governo italiano parece não mais se opor” (*Correio Paulistano*, 22 de fevereiro de 1883). Cf. *A Imigração em São Paulo de 1883 a 1888 Segundo o Jornal Correio Paulistano*, trabalho apresentado em 1973 ao Departamento de História da USP pelos alunos Ana Marisa Gordano, Ângela Marques, Arnaldo Fazoli Filho, Célia Sakurai, Dilza Martins, Dora Queiroz e Eliane Frossard.

II. — CONCEITOS.

Em relação ao fenômeno da imigração e ao próprio imigrante, vários conceitos foram elaborados, estudados e discutidos em diversos trabalhos (7). No presente estudo foi adotado o conceito contido na comunicação apresentada por Altiva Pilatti Balhana e outros no IV Simpósio Nacional de Professores Universitários de História:

“O imigrante significa capital humano, no sentido puramente demográfico, e capital de trabalho, considerando-se que o homem geralmente emigra na sua idade biológica mais produtiva. O imigrante, por outro lado, é também portador de bens culturais, no sentido antropológico de cultura, que enriquecem a sociedade de adoção... Uma posição nova consiste em analisar a assimilação de imigrantes não mais como um processo de incorporação pura e simples à sociedade de adoção, e sim com um processo de criação do qual surgem novos complexos culturais” (8).

Adotou-se esse conceito por ser abrangente, considerando o imigrante sob diversos ângulos, poder ser aplicado em diversos momentos históricos e levar em conta a imigração como um processo dinâmico e bilateral. O imigrante, portanto, traz em si elementos que lhe são inerentes — o próprio contingente físico que o torna um povoador, um capital humano; destinado a determinadas formas de produção (9), é capital de trabalho também. O ingresso de imigrantes no Brasil nos últimos anos do século XIX foi relativamente alto (Tabelas I e II e Gráficos I e II), e resultou num processo de modificação, tanto da sociedade de adoção quanto do próprio imigrante.

(7). — Cf. entre outros: Prado Jr. (Caio), *A Imigração Brasileira no Passado e no Futuro*, in: *Evolução Política do Brasil e outros Estudos*, 6ª Edição, São Paulo, Editora Brasiliense, 1969, pg. 233-250; Martins (José de Souza), *Ambivalência e Conciliação na Imigração*, in: *A Comunidade na Sociedade de Classes*, Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo, 1973, mimeografado; Ianni (Otávio), *O Progresso Econômico e o Trabalho Livre*, in: *Holanda* (Sérgio Buarque de), *História Geral da Civilização Brasileira* — São Paulo, Difusão Européia do Livro, tomo 2, volume 3, 1967, pgs. 297-315.

(8). — Balhana (A.P.) e outros, *Alguns Aspectos Relativos aos Estudos de Imigração e Colonização*, in: *Anais do IV Simpósio Nacional de Professores Universitários de História*, São Paulo, 1969, pgs. 364 e 380-381.

(9). — As formas de produção variaram conforme as necessidades e interesses regionais, de acordo com a bibliografia sobre o assunto.

A *Província de São Paulo* também apresenta conceitos, implícitos e explícitos, sobre a imigração e o imigrante (10). De modo geral, o jornal assume posição favorável ao incremento da imigração assalariada para a lavoura, especialmente a cafeeira (11), coincidindo esta posição com a da maior parte dos fazendeiros do oeste paulista. O imigrante é visto como capital de trabalho a ser explorado para a manutenção da economia latifundiária cafeeira, numa época em que a mão-de-obra escasseia, a imigração é considerada solução para o problema de braços para a lavoura:

“Uma das questões magnas na época de transição em que vivemos, é o futuro de nossa lavoura, ameaçada de ver diminuir o trabalho escravo sem aumentar a imigração, que lhe forneceria braços livres” (12).

O escravo é visto como tendo menor potencial de trabalho que o imigrante (13), e o jornal prega a transição do trabalho escravo para o livre de forma gradual, propondo inclusive a introdução da servidão:

“Esta é a solução natural, a transição evolutiva do escravo para o servo” (14).

De forma menos explícita, e muito menos frequentemente, o jornal incentiva o fomento da imigração como uma forma de solucionar a questão dos “espaços vazios” de São Paulo (15). O interesse

(10). — As notícias citadas refletem a parcialidade própria da documentação. Utilizado para a orientação da opinião pública, o jornal reflete forças sociais determinadas. Por outro lado, envolvido num dado momento histórico como observador parcial, não lhe é possível uma visão globalizante do momento presente.

(11). — Embora, em menor escala, haja incentivos a outras lavouras e outros afazeres: “Avisos: A Sociedade Promotora de Imigração convida os alemães que quiserem trazer para cá parentes e amigos para lavoura, artes, manufaturas ou cargos domésticos, que escrevam através da SPI.” *A Província de São Paulo*, 22 de julho de 1888 nº 3991., Ano XIV.

(12). — Auxílio à Lavoura, *A Província de São Paulo*, 10 de agosto de 1883, ano IX (transcrito do jornal *Folha Nova*).

(13). — Novos Horizontes, *A Província de São Paulo*, 24 de março de 1888, nº 3895., Ano XIV.

(14). — Barros (Rafael de), O Abolicionismo, *A Província de São Paulo*, 18 de julho de 1883, Ano IX.

(15). — A questão dos núcleos coloniais só interessou aos cafeicultores paulistas de forma secundária, e na medida em que “podem ser excelentes auxiliares da grande lavoura e dos grandes e pequenos proprietários, porque daí sairão muitos braços oportunamente para trabalhos agrícolas...” Sistema de Introdução do Imigrante, *A Província de São Paulo*, 26 de novembro de 1866, ano XII nº 3502.

pela imigração como capital humano era portanto restrito; o pouco interesse do jornal reflete a posição dos cafeicultores paulistas, muito mais preocupados em trazer o imigrante como mão-de-obra para a grande lavoura do que como pequeno proprietário (16).

Quanto à integração cultural entre brasileiros e imigrantes, *A Província* se refere pouco ao assunto, e quando o faz apresenta o imigrante como agente de progresso, elemento modernizador ou então “purificador” do povo brasileiro (17). Nesse sentido, traduz especialmente a posição das camadas mais desvinculadas da grande lavoura cafeeira, geralmente ligadas a atividades urbanas, ou “intelectuais”, que viam a possibilidade de integrar o Brasil no quadro das nações modernas. Um exemplo, na pena de Alberto Salles:

“Já dissemos que uma das cousas de que mais precisamos é uma renovação de sangue e assim é na verdade. A mistura que se operou do elemento português com o indígena e o africano foi um verdadeiro desastre para a formação do caráter brasileiro. Tanto em inteligência, como em costumes e aptidões sociais, são tão inferiores os indígenas e os africanos, que nem era mesmo de se esperar que o seu cruzamento com os portugueses desse bom resultado... Não tenhamos medo da invasão. Ponhamos de parte o preconceito do nacionalismo, facilitemos por todos os meios possíveis e razoáveis o estabelecimento de uma corrente emigratória constante daquele país (Itália) para o nosso, e então veremos o vigoroso impulso que tomará a nossa pátria nos grandes cometimentos do progresso” (18).

*

(16). — Um dos poucos exemplos de artigos que defendiam a imigração como fator de povoamento em São Paulo: “A imigração para nós não é atualmente um simples recurso contra as incertezas geradas pela crise que já começa a atravessar a lavoura, é também o único meio de que podemos dispor para o rápido povoamento do país”. Salles (Alberto), *O Povoamento, A Província de São Paulo*, 11 de novembro 1884, Ano X.

(17). — Cf. Cardoso (Fernando Henrique), *Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional*, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1962, pg. 210, para o enfoque da imigração e abolição no Rio Grande do Sul: “também desde antes do fim do tráfico havia preocupação não apenas com a mão-de-obra livre, mas com a mão-de-obra que seria, por assim dizer, regeneradora e civilizadora.”

(18). — Salles (Alberto), *Do que precisamos, A Província de São Paulo*, 14 de novembro de 1884, Ano X.

III. — A QUESTÃO DO TRATAMENTO DADO AO IMIGRANTE.

Em relação ao tratamento dispensado ao imigrante, *A Província de São Paulo* de forma geral denuncia-o como “mau” e “ruim”:

“Colonos introduzidos com contratos, chegados aqui embora os ratifiquem, não podem ficar satisfeitos, e sua ambição única se á escaparem às condições estipuladas. Ele lamenta a falta de liberdade para levar seu trabalho a quem lhe oferecer maior salário... A lei da procura e da oferta não determina as relações do trabalhador com o proprietário, aquele julga-se, portanto, vítima de abuso de confiança porque o preço do trabalho do país de onde saiu o colono era diverso...” (19). Ou ainda: “As constantes queixas contra contratos e as prisões para forçar o colono a cumprir as condições estipuladas, vão ecoar lá fora como violências e a sorte do homem livre é descrita como a do escravo infeliz e atrozmente oprimido” (20).

Rangel Pestana, referindo-se às vantagens recebidas pelos imigrantes nos Estados Unidos, assim demonstra o tratamento que aqui lhes era dispensado:

“Temos aqui também agências de imigração e estabelecimentos mantidos pelo governo para os agasalhar; mas tudo isso influi para desacreditar o país. Certos descuidos no serviço, a falta de ordens a tempo, causam constantemente sérios desgostos aos recém-chegados...” (21).

O jornal critica constantemente a administração da imigração, chegando muitas vezes a propor a criação de novos órgãos; nesse sentido, sua posição outra vez coincide com a dos grandes cafeicultores do Oeste paulista, que sempre tentaram controlar o fluxo migratório para a Província, retirando o assunto das mãos do governo central, geralmente mais interessado em fomentar a política de núcleos coloniais. Como exemplo desse tipo de raciocínio, o seguinte trecho de Rangel Pestana:

(19). — Auxílio a Imigrantes, *A Província de São Paulo*, 22 de fevereiro de 1884, Ano X.

(20). — Auxílio a Imigrantes, *A Província de São Paulo*, 22 de fevereiro de 1884, Ano X.

(21). — Rangel Pestana, *Notas e Respigas*, *A Província de São Paulo*, 11 de setembro de 1883, Ano IX.

“O serviço de imigração entre nós não está sujeito a um sistema, não é metódico, não inspira confiança. Com a imigração temos gasto dinheiro às mãos largas. Parece-nos ser tempo de regularizá-la, de lhe dar outra direção, aliviando o Estado da responsabilidade direta do acolhimento e sustento do imigrante por longos dias e meses. Esse serviço ficaria melhor a cargo de uma associação, ainda que fossem concedidos certos e determinados favores do Estado... Os colonos com contrato devem ficar exclusivamente sob a responsabilidade dos contratantes e dos intermediários” (22).

Quanto às naturalizações, o jornal justifica o desinteresse do imigrante por ela (Tabela III), apesar das facilidades jurídicas, pelo seu amor e apego à pátria de origem, que continuam porque o Brasil não lhes oferece condições de ser sua nova pátria.

Ao criticar constantemente os aspectos principais da introdução e fixação de imigrantes no Brasil, *A Província* acaba por fornecer ao leitor — no caso, ao historiador — uma visão profundamente humana dos problemas encontrados pelos imigrantes na Província de São Paulo na época. Vejam:

“No dia 17 do corrente chegaram a esta capital, vindos da corte pela estrada de ferro do norte, 104 imigrantes italianos. As bagagens ainda não chegaram a São Paulo e sabemos que o motivo da demora é ter a Repartição de Terras e Colonização, no Rio de Janeiro, concedido passe aos imigrantes até São Paulo e serem as bagagens despachadas para Cachoeira... A má organização deste importante serviço não data de hoje; nós mesmos temos já instantemente pedido providências para esta *vergonha*, que outro nome não tem... Constantemente chegam a esta capital turmas enormes de imigrantes sem que o alojamento aqui seja disso avisado — resultando que passam esses indivíduos um dia sem comer e chegam aqui fatigados, exaustos e com fome e não encontram nada que comer... Os imigrantes chegados no dia 17 (note-se que hoje são 24) estão na contingência seguinte, que não deixa de ter sua graça: dividem-se em turmas, uns fecham-se nos quartos no primitivo traje de Eva e outros vão lavar-lhes e enxugar-lhes a única roupa que tem e depois toca aos outros a vez, e assim todos os dias...” (23).

(22). — Rangel Pestana, Notas e Respigas, *A Província de São Paulo*, 11 de setembro de 1883, Ano IX.

(23). — Sistemas de Introdução do Imigrante, *A Província de São Paulo*, 26 de novembro de 1886, ano XII, nº 3502.

Mas *A Província de São Paulo* abre também espaço para críticas aos imigrantes, especialmente quanto à produtividade no trabalho; os fazendeiros tem reclamações a fazer contra os imigrantes, que muitas vezes não satisfazem as necessidades imediatas da lavoura cafeeira:

“Os imigrantes não acodem de momento às necessidades da lavoura, não só porque estranham os serviços, não estão aclimados, não estão habituados à alimentação que se lhes pode fornecer, e nem estão afeitos aos nossos costumes” (24).

Críticas como essa eram comuns na época, e também quanto à mobilidade, que os fazendeiros julgavam exagerada, dos imigrantes de uma fazenda para outra, depois de receberem o pagamento, o que prejudicava a lavoura (25).

*

IV. — CONCLUSÕES.

A Província de São Paulo reflete, em relação ao problema da imigração, durante os seis anos estudados, opiniões e tendências variadas, algumas, como se viu, típicas de camadas ligadas a atividades urbanas, outras semelhantes às expressas por cafeicultores menores, outras muito próximas de uma opinião puramente pessoal.

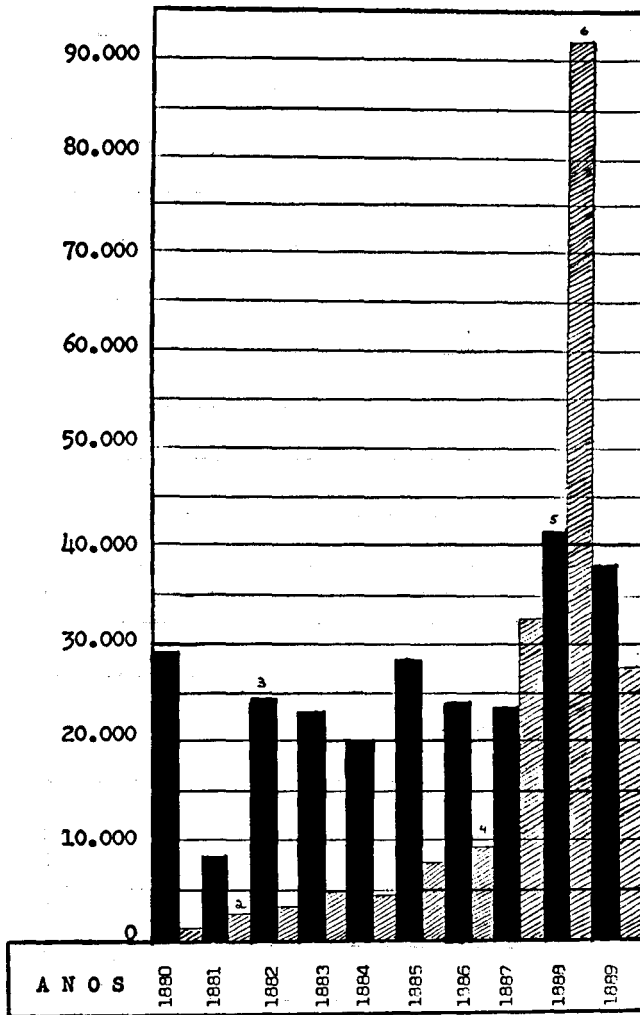
De maneira geral, contudo, o jornal foi favorável nesse período à imigração, à maneira dos grandes fazendeiros de café do Oeste paulista: a imigração era a solução para o fim iminente da mão-de-obra escrava, o imigrante era a mão-de-obra mais apropriada à racionalização da produção em curso nas unidades produtoras; representava menor risco de capital e maior produtividade. O governo central, comprometido de maneira geral com a política de povoamento, entrava mais do que ajudava a entrada de mão-de-obra livre para a lavoura cafeeira — tornava-se portanto necessário tomar a si as providências e desenterrar a burocracia para o sistema se tornar mais eficiente. Por outro lado, persiste o apego às velhas instituições, o medo da mudança, a necessidade de prolongar o máximo possível a duração da mão-de-obra escrava — a solução era a emancipação

(24). — Wilk (A. J. da Costa), A posição dos Lavradores na província de São Paulo, *A Província de São Paulo*, 1º de maio de 1888, ano XIV, nº 3925.

(25). — Municípios Paulistas: Amparo, *A Província de São Paulo*, 7 de setembro de 1888, Ano XIV, nº 4030.

GRÁFICO I.

* IMIGRAÇÃO NO PERÍODO DE 1880 a 1889



Imigrantes entrados na Província de S. Paulo

Imigrantes entrados em outras províncias

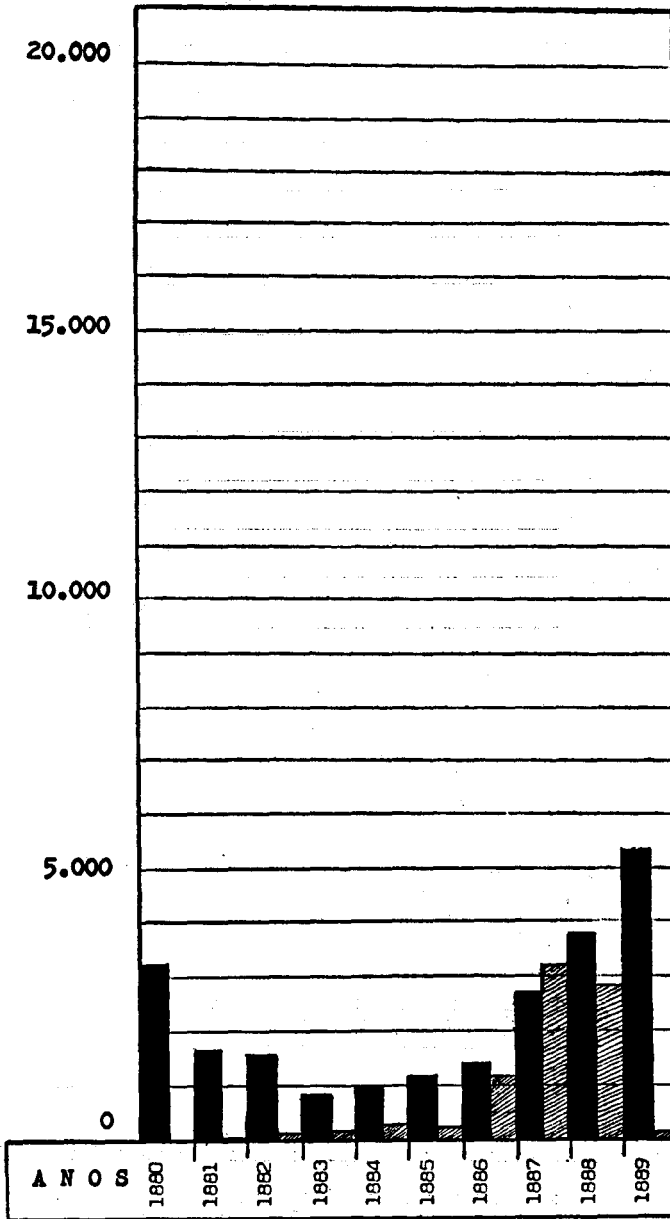
- 1- Suspensão do financiamento do transporte marítimo pelo Governo Federal.
- 2- Início dos serviços de imigração da Província de São Paulo.
- 3- Restabelecimento do financiamento pelo Governo Imperial.
- 4- Início da construção da Hospedaria de Imigrantes de São Paulo e do financiamento do transporte marítimo pela Província.
- 5- Abolição do trabalho escravo.
- 6- Conclusão do prédio da Hospedaria de Imigrantes.


(*) — *Revista de Imigração e colonização*. Ano I, nº 2, abril de 1940.


GRÁFICO II

* DESPESAS COM A INTRODUÇÃO DE IMIGRANTES 1880 a 1889

CONTOS DE RÉIS



 Despesas feitas pela Província de S. Paulo

 Despesas feitas pelo Governo Imperial

(*) — Dados da *Revista de Imigração e Colonização*. Ano I, nº 2, abril de 1940.

gradual. Para a *Província de São Paulo*, o imigrante foi, portanto, antes de tudo, capital de trabalho, substituto de um sistema falido. O aspecto demográfico do imigrante, como capital humano, e principalmente o cultural ficou relegado à segundo plano: quando foi percebido, o aspecto cultural foi visto segundo uma visão europaizante e racista. De certa forma, o jornal define-se a si próprio, esclarece sua posição, quando prega:

“O fazendeiro deve convencer-se de que é o primeiro interessado em substituir os seus escravos por outra forma de mão-de-obra preferível; deve convencer-se de que o único meio de tornar-se rico e independente é dirigir homens livres e não governar escravos” (26).

TABELA I.

O MOVIMENTO IMIGRATÓRIO NO BRASIL DE 1883 A 1888 (1).

Nacionalidades	1883	1884	1885	1886	1887	1888
Alemães	2.348	1.719	2.848	2.414	1.147	782
Austríacos	251	651	524	728	274	1.156
Belgas	24	19	16	101	212	1.082
Franceses	152	243	233	218	241	478
Espanhois	2.660	710	952	1.317	1.766	4.736
Ingleses	158	100	90	93	72	129
Italianos	15.724	10.102	21.765	20.430	40.157	104.353
Portugueses	12.509	8.683	7.611	6.287	10.206	18.289
Russos	10	*457	*275	*146	—	—
Suecos	2	—	16	—	—	—
Suiços	94	70	43	396	—	—
Turco-Árabes	6	16	43	—	—	—
Diversos	77	2.120	1.024	1.356	1.891	2.248
Total	34.015	24.890	35.440	33.486	55.965	133.253

*Incluindo polacos.

(1). — Dados tirados da *Revista de Imigração e Colonização*. Ano V, Nº 3, setembro de 1944.

(26). — *A Província de São Paulo*, 23 de agosto de 1883, Ano IX (transcrito da *Gazeta de Notícias*).

TABELA II.

IMIGRAÇÃO NO PERÍODO DE 1880 a 1889.

Ano	Entrada de Imigrantes			Despesas	
	Província de SP	Outras Províncias	Total	Do Governo Imperial	Da Província de São Paulo
1880	613	29.116	29.729	3.011:519\$190	—
1881	2.705	8.349	11.054	1.697:719\$235	45:848\$476
1882	2.743	24.454	27.197	1.659:335\$124	67:600\$123
1883	4.912	23.750	28.670	947:014\$251	110:281\$906
1884	4.868	20.022	24.890	977:061\$981	374:287\$670
1885	6.500	28.940	35.440	1.038:200\$542	365:862\$209
1886	9.534	23.952	33.486	1.369:311\$236	1.132:394\$691
1887	32.110	23.853	55.965	2.692:546\$887	3.202:891\$704
1888	9.826	41.427	133.253	3.853:281\$484	2.893:168\$745
1889	27.694	38.252	65.946	6.383:227\$715	159:238\$811
	(1)		(2)	(3)	(4)

(1). — Dados do Boletim Nº 1 (Quadro A-1) da Diretoria de Terras, Colonização e Imigração. Ano I, São Paulo, outubro de 1937.

(2). — Dados dos Boletins Nº 15 e 17 do Ministério do Trabalho.

(3). — e (4) Dados da *Revista de Imigração e Colonização*. Ano V, Nº 3, setembro de 1944.

Obs. Até 1880 a Província de São Paulo nada dispendeu com a imigração.

TABELA III

NATURALIZAÇÕES.

De setembro de 1822 a 31 de dezembro de 1882 naturalizaram-se 6.009 estrangeiros. De 1º de janeiro de 1883 a 9 de maio de 1888 foram naturalizados 4.396. Sendo:

Portugueses	5.677
Alemães	2.422
Italianos	726
Franceses	272
Austríacos	266
Prussianos	235
Espanhois	214
Ingleses	122
Marroquinos	113
Norte-Americanos	81
Suiços	69

Paraguaios	41
Dinamarqueses	32
Orientais	30
Belgas	27
Holandeses	21
Russos	20
Polacos	15
Suecos	13
Argentinos	12
Turcos	9
Gregos	7
Negros Africanos	6
Egípcios	5
Chilenos	3
No uegueses	2
Mexicanos	1
Equatorianos	1
Ignorada a nacionalidade	173
TOTAL	10.405

Dados tirados do jornal *A Província de São Paulo*. Ano XIV, 12 de outubro de 1888.

* *
*

INTERVENÇÕES.

Do Prof. *João Batista Cabral* (Universidade de Brasília).

Declara:

“A introdução desse tipo de cursos constitui, sem dúvida, uma grande contribuição para o estudo da História. Entre’anto, para facilitar a tarefa do aluno-pesquisador, não seria mais proveitoso providenciar a organização de um *index* das matérias contidas nos periódicos existentes e ao alcance para a pesquisa?”

*

Da Prof.^a *Ismênia de Lima Martins* (UFF/ICHF).

Pergunta:

“Essa experiência seria aplicada no ciclo básico ou no ciclo especial?”

2.º). — Houve alguma colaboração da disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa, para tornar a experiência possível ou todo o encargo recaiu sobre os professores da disciplina de História do Brasil?”

Do Prof. *Nilo Odália* (FAFI. Assis. SP).

Disse:

“Segundo a Autoras o curso ‘teórico’ consistiu em localizar o aluno no tempo (2.º Império) e espaço (São Paulo). Ora, não me parece que isso possa configurar-se como um curso teórico destinado a instrumentar os alunos para um trabalho de pesquisa. Não confundo técnicas com Metodologia e Teoria”.

*

Do Prof. *Carlos Alberto Antunes dos Santos* (UFPr).

Pergunta:

“Se na técnica utilizada, houve a organização de fichas para a coleta de dados da documentação citada, ou esta coleta foi realizada de maneira arbitrária?”

* *

*

RESPOSTAS DAS PROFESORAS ALICE FONTES e JANAINA AMADO.

Ao Prof. *João Batista Cabral*.

Agradecem o incentivo do Prof. Cabral. Quanto à elaboração de um *index* das matérias contidas nos periódicos, não se torna viável porque demandaria um espaço de tempo de que o curso não dispunha; teria que se optar entre o *index* ou realizar a pesquisa como o curso se propôs. A elaboração do *index* não proporcionaria aos alunos a vivência de todas as fases de uma pesquisa histórica.

*

A Prof.^a *Ismênia de Lima Martins*.

A Universidade de São Paulo ainda não mantém em funcionamento os ciclos básicos e especial. O curso foi aplicado a alunos que, na sua maioria, cursavam o terceiro ano de graduação.

A experiência foi iniciativa isolada da disciplina de História do Brasil B; entretanto, seria desejável que se estendesse a outras disciplinas.

*

Ao Prof. *Nilo Odália*.

Agradecem a contribuição do Prof. Odália e esclarecem:

a). — o curso não pretendeu, em nenhum momento, definir-se como um “curso teórico”: objetivou tão somente permitir aos alu-

nos uma vivência concreta de pesquisa histórica. Na medida em que esta experiência implica no tratamento e solução de problemas de ordem técnica, teórica e metodológica, esses problemas foram abordados.

b). — a parte “teórica” do curso não consistiu em “localizar o aluno no tempo e no espaço”, como pode ser comprovado pela própria comunicação.

*

Ao Prof. *Carlos Alberto Antunes dos Santos*.

A organização de fichas para coleta de dados foi cuidadosamente orientada: os alunos receberam informações de ordem geral e específica (relativa ao tipo de documento que consultavam). Além disso, foram distribuídos e discutidos com os alunos modelos de fichas para a coleta de cada tipo de documentação. Os “Relatórios de Atividades de Pesquisa” visaram, entre outras coisas, sistematizar as informações coletadas pelos alunos.

Agradecem as sugestões da Prof.^a Alice Canabrava, relativas aos procedimentos estatísticos.